

A SINODALIDADE INCLUIRÁ A SORORIDADE?

Tea Frigerio
t_frigerio@hotmail.com

RESUMO: “Sororidade” não é o equivalente feminino de fraternidade, as mulheres não são homologáveis aos homens. Essa diferença marca a esfera existencial, emocional e espiritual. Isso pressupõe uma Igreja de irmãos e irmãs em Cristo, onde a fraternidade e a sororidade qualificam o estilo das relações. Urge redescobrir a dimensão da casa, igreja doméstica que brota do chão, da vida, que toma distância das estruturas patriarcais e kyriarcais, que abandona toda discriminação e que substitui a religião do templo com a religião do cotidiano e da vida. O testemunho dos e das discípulas amadas é luz neste caminho de conversão.

ABSTRACT: “Sorority” is not the feminine equivalent of fraternity, women are not homologables to men. This difference marks the existential, emotional and spiritual sphere. This presupposes a Church of brothers and sisters in Christ, where fraternity and sisterhood qualify the style of relationships. It is urgent to rediscover the dimension of the house, a domestic church that springs from the ground, from life, that distances itself from patriarchies and kyriarchies structures, that abandons all discrimination and replaces the religion of the temple with the religion of everyday life. The witness of the beloved disciples is light on this path of conversion.

CONVERSANDO

A Sinodalidade incluirá a Sororidade? Foi o título de um artigo que escrevi para o Portal das Cebs, com ele vou abrir a partilha das reflexões sobre sinodalidade. A seguir vou incluir uma conversa que colhi no whatsapp no dia em 1 de janeiro de 2022 provocada pela homilia do Papa Francisco. Faço isso em fidelidade ao método de Leitura Popular da Bíblia e à Hermenêutica Feminista Libertadora da Bíblia: partir do chão da realidade.

CONVERSANDO COM UM ARTIGO

A Sinodalidade incluirá a Sororidade? É a interrogação que brotou do profundo do meu ser mulher após participar da Pré-Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. Interrogação que foi se intensificando ao acompanhar os comentários que apareceram a seguir.

Fiquei matutando e o pensamento foi a um artigo que li recentemente e que confirmou a convicção e atitude que precisamos, a partir da base exigir mudanças de paradigmas entre eles o da linguagem. Talvez exigir não é o termo exato e sim começar da base, nas comunidades eclesiais de base assumir linguagens e atitudes que levem à conversão, à mudança, à sinodalidade.

Sororidade, o equivalente feminino da fraternidade, é um termo tão estranho ao vocabulário comum que os aplicativos de texto o assinalam como erro. Uma das razões pelas quais se considere inútil discutir sobre o termo *sororidade* está no fato que o mais usado termo *fraternidade*, incluiria homens e mulheres e, irmãos e irmãs, incluiria sororidade.

Encontramos o termo *sororidade*: latim-*sororitas*, inglês-*sorority*, francês-*sororité*, italiano-*sororità*, espanhol-*sororidad*, português-*sororidade* e, por existir nos vários idiomas significa que ele contém um sentido próprio e diferente do termo fraternidade. Comumente se considera fraternidade inclusivo, mas, na prática acaba por ser excludente. As mulheres, de fato, são portadoras de uma experiência, uma perspectiva, uma dignidade, um olhar que não podem ser subentendidas, incluídas ou resolvidas de um ponto de vista masculino, considerado superior e inclusivo. As mulheres e as irmãs devem ser nomeadas e não subentendidas nos homens e nos irmãos, assim a *sororidade* deve ser explicitamente dita e não absorvida na fraternidade.

A igual dignidade entre homens e mulheres também deve ser afirmada em nível linguístico. É anacrônico hoje usar os termos fraternidade/irmãos, ignorando ou desconsiderando os termos sororidade/irmãs.

Sororidade não é um duplo de fraternidade *nem uma coquetaria feminista*, motivada pela vontade de explicitar tudo também ao feminino. O termo nada mais faz do que explicitar o desejo de aderir à concretude da existência, sabendo que as mulheres não são de forma alguma homologáveis aos homens e que a diferença entre elas também marca a esfera existencial, emocional e espiritual.

Isso pressupõe uma Igreja de irmãos e irmãs em Cristo, onde a fraternidade e a sororidade constituem a sua dimensão profunda e, ao mesmo tempo, qualificam o estilo das relações entre as pessoas que fazem parte do Povo de Deus e entre estas a da família humana.

Infelizmente está completamente ausente dos documentos conciliares nos quais fraternidade aparece 26 vezes.

Redescobrir e valorizar o valor eclesiogenético da Igreja na dimensão da casa, inclusiva de mulheres, homens, jovens, crianças, adultos. Redescobrir a Igreja doméstica, da *ekklesia kat' οικον* de Atos 2,46 onde o pão se parte com alegria e simplicidade de coração ou At 5,42 onde não se deixa de ensinar e de anunciar a boa nova de que Jesus é o Cristo, talvez seja o único recurso para desenhar uma outra face da Igreja na crise que atravessam nossas comunidades, dentro das quais mais do que irmãos/irmãs somos estranhos e nos encontramos em um todo anônimo, habitual e distraído.

É nas casas que nasceu a comunidade cristã. É na casa que Jesus celebra a sua Páscoa. É a *eklesia* que se reúne nas casas que os discípulos e as discípulas do Crucificado Ressuscitado se reconhecem, uns aos outros, umas às outras, como frates (irmãos) e sororos (irmãs), membros da família de Deus. É na casa que o a Divina Ruah/Espírita irrompe como vento impetuoso sobre homens e mulheres dando origem a Igreja, família universal reunida.

A mesma Divina Ruah/Espírita nos desafia a experimentar, ousar novas formas de ser Igreja, diversamente ligadas ao território, ousando linguagem nova e antiga, voltando a ser Laos,

povo laical, povo de Deus. Novas células, reais lugares do acontecimento eclesial, espaços alternativos as formas existentes, não para deixá-las como são, mas para promover uma transformação radical e quem sabe substituí-las uma vez adquiridas autoridade e competência.

Presença da Divina Ruah/Espirita que fortalece a consciência profunda de que só começando de baixo, com gestos e atitudes que nascem da vida, na simplicidade e na pobreza de uma casa acolhedora, poderemos voltar a ser um sinal de respeito e atenção. Mas para que isso aconteça, é necessário excluir definitivamente toda forma de clericalismo, toda forma de patriarcalismo, toda hierarcolgia indevida. É necessário devolver a boa nova aos pobres, abrir-se à fraternidade, sororidade universal, abandonar toda discriminação de gênero.

Apenas comunidades laicais no sentido original do termo, em plena reciprocidade de homens e mulheres, incluindo carismas e ministérios, poderão conduzir a Igreja rumo a um presente e um futuro segundo o Evangelho.

CONVERSANDO NO WHATSAPP ⁽¹⁾

- J. Em missa realizada na manhã deste sábado (1º de janeiro) na Basílica de São Pedro, marcando o 55º Dia Mundial da Paz, o Papa Francisco pediu o fim da violência contra as mulheres. “Quanta violência existe contra as mulheres! Basta! Ferir uma mulher é ultrajar Deus, que tomou duma mulher a humanidade. Não de um anjo, mas de uma mulher”, disse o pontífice em sua homilia. O papa reforçou a mensagem deixada por ele no Natal, quando rezou pelas vítimas da violência que “grassa neste tempo de pandemia”. Ainda na homilia, Francisco sublinhou o “olhar inclusivo” das mães, que “supera as tensões guardando e meditando no coração”. “É um olhar concreto, que não se deixa condicionar pelo desconsolo nem se deixa paralisar perante os problemas, mas coloca-os num horizonte mais amplo”, pontuou.

Também neste sábado, o Papa falou aos presentes na Praça São Pedro antes da recitação do primeiro ângelus de 2022, pontuando que o mundo precisa de “artesãos de fraternidade” para superar os desafios do novo ano. “Se nos tornarmos artesãos da fraternidade, poderemos voltar a tecer os fios de um mundo dilacerado pelas guerras e pela violência”. “Você não precisa se desmanchar e reclamar, mas arregace as mangas para construir a paz”, afirmou, lembrando que o cenário atual continua sob os impactos da covid-19. “Ainda vivemos tempos incertos e difíceis, devido à pandemia. Muitos estão com medo do futuro e oprimidos por situações sociais, problemas pessoais, os perigos que vêm da crise ecológica, injustiças e desequilíbrios económicos globais.”

- G. A fala de Francisco é bem-intencionada, mas ainda paternalista! A bíblia e a leitura cristã da mulher foram construídas numa visão patriarcal e subordinada da mulher. Se ela for negra, ou indígena, pobre, com identidade sexual diferente do padrão, sua condição na sociedade só se agrava. Quem quiser aprofundar sua visão da condição da mulher na sociedade e na igreja, tem que ler as autoras negras e indígenas, a partir do seu lugar de fala, como nos diz Djamilia Ribeiro e tantas outras autoras dessa linhagem. Sugiro isso sobretudo aos homens.
- L. Isso. Mas acredito que Papa Francisco ao trazer isso é um bom ponto de partida! É preciso dar um basta! E logo na primeira missa do ano...
- M. Nessa pandemia, muitas mulheres passaram o que há de pior em suas vidas, aqui no bairro, tivemos que socorrer muitas que com coragem colocaram os namorados, companheiros e maridos atrás das grades por agressões verbais e físicas..., mas o processo não é fácil... muitas acreditam numa melhora do parceiro, que não virá.
- 1ª Aqui no ES, todo dia 3 mulheres são assassinadas e o número tende a aumentar

2ª Pois então. Olha que tristeza!

M. É isso aí! Francisco se esforça, mas realmente tem esse paternalismo/patriarcalismo próprio da nossa cultura latino-americana, e sua assessoria também não o ajuda a progredir...

G. E a igreja católica tem que mudar estruturalmente em relação à mulher. Temos 7 sacramentos acessíveis aos homens e 6 para as mulheres. Nossa discriminação é até sacramental. E essa discriminação é atribuída a Deus, que teria dado esse poder aos homens e não às mulheres. O tal “sacro potestas”, ou seja, poder sagrado. Enquanto for assim, vamos ouvir belos sermões, até alguma concessão pontual, mas a estrutura eclesial permanecerá. Essa temática esteve muito presente no Sínodo para a Amazônia, os próprios bispos votaram positivamente por essas mudanças, Francisco também as desejava, mas a reação conservadora foi tão violenta que Francisco recuou. Talvez esperando um melhor momento, como o Sínodo da Sinodalidade.

M. Lembras da Querida Amazônia... ali pensávamos que haveria um avanço, mas só concessões pontuais...

G. Não sei se veremos este melhor momento, nem com este novo Sínodo, se seguir o que vimos na Assembleia Eclesial.

M. Essa questão não é verniz, é estrutural e sacramental. Portanto, das realidades tidas, muitas vezes como imutáveis por muita gente com poder de decisão.

M, Essa questão não é verniz, é estrutural e sacramental. Portanto, das realidades tidas muitas vezes como imutáveis, por muita gente com poder de decisão

G. Você tem razão, mas o que é verniz e o que é estrutura? Uma e outra existem de fato. A realidade, no entanto, é maior e mais complexa que os três: a estrutura, a verniz e o pensamento que pensa a realidade. Ainda que propondo está última, ora como permanente ora como mutável. Aliás esse problema já desafiou e muito os gregos.

Na minha modesta, e certamente limitada, compreensão do problema eu diria (de uma maneira provocativa e talvez pouco educada) que as mulheres exerceram e ainda exercem um decisivo papel na dominação varonil. E, por outro lado, a plenitude não surgirá de um gênero apenas, mas da comunhão em suas diferentes dimensões e etapas. Da mais elementar à mais extraordinária. Aquela expressa e realizada na divhumana comunhão que ainda não construímos na sua mais pura e desafiante enticidade atual.

Conversava há pouco com L. no privado. Na igreja católica, como na sociedade, só as vítimas podem assumir o protagonismo das mudanças. Isso na questão de classe, gênero, etnia, sexualidade, etc. Pode haver vozes solidárias, e há, mas a história mostra que a realidade muda a partir de quem é vitimado. Esse espaço é pequeno para esse tipo de reflexão, mas é importante para suscitar esse tipo de debate

- L. É por isso que nós mulheres precisamos assumir nosso lugar de fala. Por ser uma questão estrutural e dogmática, sistematicamente, por reprodução de discursos e comportamentos (tanto da hierarquia quanto de leigas e leigos), modelos se infiltram de forma sólida nas estruturas eclesiais a partir das mídias e das práticas pastorais cotidianas. Aí vemos discursos e “intenções bonitas”, mas persiste a injusta ausência das mulheres nas esferas decisórias.

CONVERSANDO COM OS DOCUMENTOS

“Para caminhar juntos, a Igreja de hoje precisa de uma conversão e experiência sinodal. É necessário fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão para encontrar espaço e modos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais. Isso promoverá a corresponsabilidade na vida da Igreja, em espírito de serviço. Urge caminhar, propor e assumir as responsabilidades para superar o clericalismo e imposições arbitrarias. A sinodalidade é uma dimensão constitutiva da Igreja. Não se pode ser Igreja sem re-

conhecer um efetivo exercício do sensus fidei de todo o povo de Deus. ” (Sínodo da Amazônia, Documento Final n 88).

Em seu discurso na comemoração dos cinquenta anos do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco falou da sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”. Ela pode ser considerada chave de leitura privilegiada da eclesiologia conciliar; oferecer luzes para a compreensão da corresponsabilidade de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja no mundo de hoje; promover a participação dos leigos e leigas nas tomadas de decisão e nas escolhas pastorais; rever a missão específica da responsabilidade dos pastores. Esta eclesiologia brota da *Lumen Gentium* nos números 11 e 12 onde se afirma: todos os batizados constituem o povo de Deus; tem a unção espiritual; a infalibilidade *in credendo*; o *consensus fidelium*; a participação do povo de Deus na função profética de Cristo.

Nesse contexto, o Papa expressa o propriamente sinodal do *sensus fidei*: é como um “olfato para discernir os novos caminhos que o Senhor abre para a Igreja”, trata-se do discernimento pastoral. A *Evangelii Gaudium* afirma que

cada batizado, seja qual for sua função na Igreja e o grau de instrução de sua fé, é um sujeito ativo de evangelização ... seria inadequado pensar em um esquema de evangelização levado à frente por atores qualificados no qual o resto do povo fiel fosse somente receptivo (EG 119).

Isto mostra que sua compreensão da sinodalidade está estreitamente ligada à missão, à evangelização.

A mudança de paradigma eclesiológico aponta para o cultivo de uma espiritualidade que leve a atitudes sinodais.

Compromisso com Reino: O elemento principal no nível espiritual é a busca da vontade de Deus e do Reino para o mundo de hoje. Essa é a referência decisiva para o discernimento e, portanto, também para as tomadas de decisão.

Discernimento espiritual e missionário: É preciso discernir novos caminhos; escutar o que a Ruah/Espirita diz à Igreja, discernir

os gritos que se levantam da história. A conexão com a realidade é fundamental para o desenvolvimento da sinodalidade: esta precisa estar “conexa com o “baixo”, “partir das pessoas”, “da vida”. Aprender a escutar, distinguir os gritos, ter presente e diante dos olhos a ressignificação eclesiológica.

Ambiente de oração: A dimensão teologal-pneumatológica do discernimento sinodal requer a prática da oração. Desde o relato da assembleia de Jerusalém em At 15 uma das formas, talvez aquela mais decisiva, de participação de toda a comunidade no caminho sinodal, seja a oração. A oração confiante é ação do coração que se abre a Deus; que silencia as paixões e emoções; sentimentos e ideias sócio-teológicas, projetos pessoais, enfim todos os humores para escutar a suave voz de Deus que fala no silêncio (1Rs 19,12-13). Sem escutar a Deus todas as nossas palavras serão somente ‘palavras’ que não saciam e não ajudam. Sem deixar-se guiar pela Ruah/Espirita todas as nossas decisões serão somente ‘decoração’, que em lugar de anunciar o Evangelho e o Reino, ressignificar a visão eclesiológica a encobrem e a escondem.

É importante ter presente que os elementos devem manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões. A referência à comunhão, a questão da tomada de decisão é aqui muito significativa, pois são verdadeiros critérios para o exercício concreto da sinodalidade/circularidade.

A consulta ampla responde à interrogação: como honrar o *sensus fidei* no processo sinodal? Exercitado através do diálogo direto, realizado através dos instrumentos que são próprios da escuta em vários níveis e instâncias, que permitem uma participação ampla; a consulta aos leigos e leigas a partir de sua competência específica com relação à temas específicos; descentralização das competências e responsabilidade.

Diálogo e escuta são palavras fundamentais no léxico sinodal. “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta”, afirma Papa Francisco. Para ele, os processos sinodais são verdadeiro “dinamismo da escuta conduzido em todos os níveis da vida da Igreja”. Tanto os sujeitos humanos precisam se escutar reciprocamente, quanto jun-

tos precisam escutar o que a Ruah/Espirita diz à história, à Igreja. Trata-se de uma escuta teologal, eclesial e sororal/fraternal. “Escutar é mais que ouvir”. A escuta e o diálogo precisam de adequadas traduções institucionais. No ‘exercício da comunhão’ se encontram instrumentos que precisam ser cada vez mais ativados e valorizados, renovados e atualizados para que na igreja seja vivido o *sensus fidei* protagonista da comunhão, da sinodalidade/circularidade (2).

Aqui a referência ao estilo sinodal é novamente importante. Não se pode resolver tudo com boas leis. O crescimento no caminho sinodal depende, em grande medida, de conversão sinodal, de atitudes e estilos, que respeitam as condições diferenciadas de todo o povo de Deus, pleno sujeito da vida e missão da Igreja.

Ao viver estas atitudes, Papa Francisco nos surpreende ao declarar que nasce uma nova atitude que chama de *conspirativa* (*conspiração*) (3). A Igreja docente e a Igreja discente são as duas caras da mesma medalha; ministério diferente, mas conjunto no duplo testemunho, uma ilustrando a outra e nunca dividindo. Em analogia nasce a atitude *conspirativa* em comunhão uma iluminando a outra, nunca dividindo, criando oposição, confronto, conflito e sim buscando o *consenso*. O consenso porta em si algo que falta quando a autoridade age sozinha. Trata-se de um duplo testemunho do acreditar e do agir: a fé ilumina a busca e o discernimento levando ao consenso, ao objetivo comum, assumindo na diversidade dos ministérios.

Clero e laicato, nas suas próprias funções, mas nenhuma dela pode ser negligenciada, privilegiada ou silenciada. “*Pastorum et fidelium conspiratio*” revela que existe algo que não se encontra na consideração exclusiva dos pastores, vai além, pois para conspirar é necessário *estar, caminhar juntos, entrar pela mesma soleira* (cfr. No seguinte ponto a definição de sínodo). Analogicamente, em ‘*Autoridade et sororum/fraternorum conspiratio*’ existe algo que não se encontra exclusivamente na autoridade, vai além.

O estilo sororal, como característica fundamental das pequenas comunidades e a escuta recíproca dentro de uma congregação fazem com que a sinodalidade/circularidade constitutiva se torne

efetiva na vida e missão, incluindo todas e, todas atentas as expectativas e aos gritos do mundo atual.

Juntamente com a sinodalidade/circularidade informal da escuta recíproca e da corresponsabilidade missionária, a prática mais formal da sinodalidade/circularidade é necessária. Dificilmente esta pode subsistir sem os meios institucionais e sem o processo que permitem que se desenvolva, se aperfeiçoe e atualize. Escutar é fundamental, mas é igualmente indispensável consultar formalmente e desenvolver processos decisórios nos quadros das instâncias sinodais. A circularidade entre o *sensus fidei* (todas), o discernimento realizado pela autoridade (alguns) é uma característica fundamental da sinodalidade. Essa circularidade honra a comum dignidade e a corresponsabilidade batismal de todos. Estas escolhas e as necessárias mudanças são consequência do paradigma missionário. Aplicando o pensamento de o Papa Francisco, isto “implica pôr em chave missionária as atividades habituais da congregação”, cuja consequência é uma dinâmica de reforma e ressignificação das estruturas que não é só fruto de estudos sobre a organização, mas “é consequência da dinâmica da missão”.

CONVERSANDO COM A PALAVRA

Sinodalidade é substantivo abstrato e se compreende a partir do substantivo concreto *sínodo* e do adjetivo *sinodal*. “*Sínodo*”, composto pela proposição *syn*, junto, e pelo substantivo *hodós*, caminho, indica, literalmente, caminho feito em conjunto.

Outra hipótese de etimologia vê a derivação de *sínodo* do antigo dialeto ático, composta não a partir de *hodós*, mas de *oudós*, que significa a soleira da casa. Neste caso, *sínodo* significaria, *estar reunidos num local ao qual se acedeu pela mesma entrada*. Depois desta definição clássica quero brincar com as etimologias.

O essencial da palavra *sun-odos*, (*hè hodós*: caminho, rota, itinerário), que designa no grego clássico o companheiro de caminho, no Segundo Testamento é presente somente como figura e, exclusivamente nos escritos lucanos.

Em Lc 2,44 a palavra *sun-odos* se aplica à caravana dos peregrinos que regressam de Jerusalém. Os pais do adolescente Jesus, ao não o encontrar pensavam que estivesse em companhia dos peregrinos na caravana. Esta confusão segunda Lucas, devia ter durado uma jornada de caminho (literalmente: o caminho de um dia – *hémeras hodós*). A referência ao caminho percorrido é evidente. Então, é possível associa-lo sistematicamente as palavras atuais “sínodo” e “sinodalidade”?

Em At 9,7, o verbo *sun-odeuô* (fazer caminho juntos), se refere aos companheiros de Paulo no caminho para Damasco. Ao nos ater ao contexto narrativo se impõe também aqui a imagem do caminho. De novo nos perguntamos: trata-se da palavra “sínodo”, como a usamos hoje?

Ainda mais, notamos que a palavra grega *sun-odos* não designa normalmente um grupo reunido para caminhar juntos, mas um indivíduo, um companheiro que juntos a outras pessoas caminham ao lado. Daí o equivalente em latim será a palavra *comes, -itis*, composta do prefixo *cum* e do verbo *ire* (ir). A Vulgata traduz corretamente o *sun-odia* de Lc 2,44 com o substantivo *comitatus*, onde a desinência *us*, designa a ação comum de ir juntos, e por *comitari* (fazer caminho juntos), o verbo *sun-odeuô*, que se aplica aos companheiros de Paulo no caminho para Damasco. Então nova interrogação: como a etimologia da palavra “sínodo”, que por outro lado, é percebida como o equivalente latim *concilium*, derivado do verbo arcaico latim *calare* (chamar, convocar), gêmeo do grego *kaleô*, tem a ver com o substantivo *eklesia* e no novo paradigma *eclesia sinodal*?

Na opinião dos melhores especialistas, que confirmam os dados do dicionário grego-francês de Bailly, a palavra *sun-odos* se compõe do prefixo *sun* e do nome *oudós* ou melhor, *odos* (com acento suave, que o diferencia de caminho *hodós* com acento forte aspirado). Consequentemente a palavra *oudós/odos* indica o umbral de uma casa, de uma sala, que precisa atravessar se quiser viver juntos ou reunir-se tendo a finalidade e necessidade de intercambiar, debater, discutir. Portanto, a palavra *sumodos*, fre-

quentemente na língua grega, (ao contrário do seu homônimo vinculado ao caminho e ao qual mais se refere), designa todo gênero de assembleias, reuniões, colóquios, de pessoas que se juntam, reservando um tempo para escutar-se, compartilhar, para discernir e decidir, assim como foi a assembleia de Jerusalém.

Então, qualquer que seja a intenção prática do seu uso e que evoca o caminhar juntos, devemos reconhecer que o sentido exato da palavra “sínodo” se refere a parar para reavaliar o caminho feito juntos, e retomar a rota, o caminho com passo mais firme e renovado. O estar, viver juntos determina a prática. A palavra *sínodo* é intercambiável nas duas acepções apontando para *estar/fazer juntos*, poderíamos dizer: passar o umbral estar juntos/juntas – passar o umbral para caminhar juntos/juntas.

Acredito que as duas raízes etimológicas se enriquecem reciprocamente. Entrar na casa acedendo pela mesma porta/umbral fala de entrar, aceder assumindo o projeto vivido na casa. Fala “de um só coração e uma só alma”, retrato das primeiras comunidades cristãs (At 4,32). Fala de assumir o projeto, se tornar Movimento que assume e testemunha o projeto de Jesus de Nazaré, comunhão vivida na diversidade de tal forma que vão ser identificadas como pertencentes “ao Caminho” (At 9,2).

A reflexão acorda a memória de outras comunidades, as dos e das discípulas amadas. Ao ler os capítulos 13 a 17 do Evangelho de João, podemos visualizá-los/las juntos, juntas, tendo passado um umbral, e entrado na sala da última ceia. Sentados/as ao redor da mesa, ao redor do Mestre, escutar seu testamento e a certa altura captar estas palavras:

“O meu mandamento é este: amem-se uns aos outros assim como eu amei vocês. Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos. Vocês são meus amigos, se fizerem o que estou mandando. Eu já não chamo vocês de empregados, pois o empregado não sabe o que seu patrão faz; eu chamo vocês de amigos, porque eu comuniquei a vocês tudo o que ouvi de meu Pai. (Jo 15,13-15)

Jesus usa três vezes o vocábulo *amigos*: em relação ao amor, ao viver o seu mandamento, ao entrar no círculo e compartilhar

o que o Pai comunicou ao Filho. Passaram do umbral, estão com o Mestre que afirma: não sois mais empregados/as, mas, amigos, amigas num círculo onde tudo circula: tudo foi comunicado.

Como não voltar ao início do capítulo 13 onde a comunidade afirma: “sabendo Jesus que chegava a hora de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1). O amor circula plenamente, totalmente.

Memória que encerra um convite: “entrar e fazer parte” com Jesus. Convite que se torna mandamento a ser vivido: “se deixar lavar os pés” (Jo 13,5-11). Mandamento que precede e condiciona a capacidade de seguir seu exemplo, “lavar os pés uns aos outros”, na mesma sintonia de ser a serviço no amor (Jo 13,12-15).

A imagem do umbral acorda também a figura que a comunidade guardou da porta (Jo 10, 1-10). Jesus pastor, é a porta pela qual as ovelhas passam no interior do redil ao final do dia: é a segurança da noite. E, cada manhã, as deixa passar para fora, ao fim de alcançar as fontes e pastagem necessárias para vida. Para as ovelhas da parábola, atravessar a porta – o umbral – é duplamente vital nos dois sentidos: necessário para a comunidade dos discípulos e discípulas amadas estar juntos no interior da casa, a portas fechadas, a fim de debater os assuntos e problemas nascidos no exercício diário da missão, como o sair para fora, percorrer a mesma rota, caminhar juntos/juntas na prática dos sinais que geram vida.

Acendem-se luzes para vivência sinodal: estar juntos, “fazer parte” para redirecionar o caminho “como eu vocês”. Em todo caso, o jogo das duas etimologias, podem resultar ricos em modelos eclesiológicos como em práticas pastorais. O que vale é se inspirar e não se contentar em aproximações semânticas ou ilusões etimológicas, mas ousar caminhos de sinodalidade/circularidade.

Caminhos de eclesiologia sinodal que respondam à pergunta: a Sinodalidade incluirá a Sororidade?

Percorrendo à vista o Evangelho de João, o olhar capta a memória dos encontros das mulheres com Jesus. Memória das Marias: Maria, a Mãe, a Mulher; Maria de Betânia, irmã de Lázaro; Maria de Magdala. Memória de Marta: intrépida na busca da saúde para o irmão, intrépida no crer. Memória de Samaritana, de Adúltera: mulheres excluídas, marcadas, mulher que se torna parceira na evangelização, mulher projeto de vida em novidade.

Memória de encontros. Encontro que antecipa a hora na água e no vinho (Jo 2,1-12). Encontro ao poço, água viva que marca a hora da parceria, da universalidade (Jo 4,1-42). Encontro banhado de lágrimas que geram a intrepidez do crer, a empatia do amor, a devolução da vida (Jo 11,1-44). Encontro no cheiro do perfume que unge, profetiza, e, torna-se evangelho da mulher em todo tempo e lugar, lá onde este gesto for lembrado (Jo 12,1-8). Encontro aos pés da cruz, na oblação e acolhida, no filho ofertado, no filho acolhido, no coração que se torna ventre gerador no sangue e na água (Jo 19,25-37). Encontro no terceiro dia, no jardim, molhado de lágrimas, de ausência, de procura. De repente o chamado, o reconhecimento. Encontro com o Ressuscitado que envia a anunciar a vitória da Vida (Jo 20,11-18).

Encontros que marcam a hora de desvendar o mistério. Mistério, ministério do corpo da mulher assinalado pela fluidez, pelo transbordar do amor. Ministério da antecipação, da universalidade, da empatia do amor, da profecia, da gratuidade, da oblação geradora de vida, do anúncio da vitória da vida sobre a morte. Fluidez que é dinamismo, abundância, encontro, transformação, vida.

“Tem que nascer de novo, tem que nascer do alto” (Jo 3,3). A mulher como ninguém entra em sintonia com Jesus: ela entende de gestação, de parto, de nascimento. Ela vive em seu corpo a dor e alegria do mistério da vida.

“Vem, chegou hora, o dia de adorar a Deus em espírito e verdade” (Jo 4,23-24). Quem tem um corpo que na gravidez é habitação para outro corpo, compreende e acolhe a religião da corporalidade. A religião que anuncia que o corpo humano é habitação da Divina Ruah.

“És renascida, vá e não peques mais” (Jo 8,11). Renascer, recomeçar: não no poder de quem manipula a lei em favor de seus interesses, mas no perdão e no amor que gera novas relações.

“Acredito! Tu és o Cristo! Tu és a ressurreição!” (Jo 11,24-27). Ousadia de mulher que quando ama rompe barreiras, preconceitos, penetra no âmbito exclusivamente masculino, ocupa espaços, assume, exercita o poder dando-lhe novo sentido: o sentido do serviço para vida.

“E tendo amado os seus os amou até o fim” (Jo 13,1). Amor sem medida: quebra o vaso, derrama o bálsamo, perfuma a casa inteira. Cheiro que até hoje nos perfuma. Cheiro que anuncia, profetiza a radicalidade, a totalidade do amor. Amor que sintoniza com o amado intuindo até o mais profundo seu sentir, seu projetar, seu esperar.

“Mulher eis teu filho!” (Jo 19,26). Amor materno que se faz oblação, que se faz útero que acolhe os filhos gerados pelo Filho. Amor materno que ensina ao coração do Filho a se tornar útero que gera, gesta, dá à luz. “Do coração aberto pela lança saiu sangue e água” (Jo 19,34).

“Mulher por que choras? Mulher a quem procuras? Mulher ... Maria!” (Jo 20,15-16). No jardim Eva, a mãe dos viventes. No jardim Maria de Magdala chora, busca, escuta a voz. Ouve um chamado, um nome. Nome novo, nome da nova mulher: *Apostola Apostolorum*.

“Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque a sua hora chegou; quando, porém, dá à luz à criança ela já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um ser humano” (Jo 16,21).

A mulher conhece em seu corpo o mistério da *“hora”*. Ao se encontrar com Jesus, as mulheres o levam a experimentar a *“hora”*. E Jesus: antecipa sua hora à causa da mulher (Jo 2,4); anuncia a nova hora ao se encontrar com a Samaritana (Jo 4,21); identifica sua hora com a hora da mulher (Jo 16,21); a hora de Jesus é a hora da cruz. A hora em que do seu coração vai jorrar sangue e água. A

hora do romper das águas para dar à luz o novo homem e a nova mulher, para dar à luz a nova comunidade, a nova igreja. A hora de Jesus se torna a hora dos discípulos e discípulas amadas. A hora de despir o manto e vestir o avental para ser a comunidade que realiza os mesmos sinais de seu Senhor e Mestre (Jo 13,12-15).

A hora da mulher segredar, comunicar às Igrejas sua experiência única, intransferível: a de ser mulher, ser simbólico, místico, ser vislumbre de uma nova eclesiologia que tudo coloca em círculo.

A hora da mulher de ser presença que aponta os caminhos da diakonia como: a Mãe, a Mulher na intuição da hora que transforma a água em vinho tornando a festa mais festa; a Samaritana parceira na evangelização, na universalidade; Marta incansável no cuidado da casa/comunidade, na intrepidez e ousadia que a tornam a custodie do verdadeiro crer: Tu és o Cristo; Maria na unção do bálsamo derramado, na profecia, boa notícia da mulher até hoje; a Mãe, a Mulher na oblação inicia a comunidade da inclusão; Maria de Magdala que busca, encontra, reconhece, anuncia, Apostola Apostolorum.

Hora de a mulher ser nas igrejas mistério, ministério de feminilidade, diversidade, alteridade, reciprocidade, parceria, inclusão. A Boa Notícia que as comunidades dos discípulos e discípulas amadas nos deixaram como herança é o testemunho do discipulado de iguais que supera as barreiras étnicas, de classe, de religião e de gênero.

Uma comunidade que toma distância das estruturas patriarcais seja social que religiosa. Comunidade que substitui a religião do templo com a religião da casa, do cotidiano, da vida. Comunidade que no lugar da doutrina, dogma assinalados pela estaticidade, faz do verbo crer em sua lógica, que é dinâmica “igreja sempre reformanda”. Comunidade de ministérios inclusivos, onde os bens, o poder, o amor circula. Comunidade dos/das que sentam juntos, juntas ao redor da mesa. Comunidade que ao passar do umbral do batismo, sentam à mesa da Eucaristia, assumem “como eu vocês”, “façam isso em memória de mim”. Ao redor da mesma mesa não clero nem leigo, nem hierarquia nem povo, não

há docente nem discente, mas há irmãos e irmãs na vivencia e pratica sinodal/circular.

Ao ensaiar e viver isso, embora nunca usem a palavra “sínodo” ou “sinodalidade” acenderam luzes e apontaram caminhos.

Ensaia, principiar... Intuição, cheiro a ser perseguido. Parece-me que os rastros, as pegadas estão aí. Memória, subversiva e que ao mesmo tempo nos faz perceber como foram verdadeiras as palavras de Jesus: “Ainda tenho a que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá a verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e anunciará as coisas futuras” (Jo 16,12-13).

E, não suportamos, a história testemunha isso! Mas é a hora e é agora da Divina Ruah nos ensinar, nos conduzir, nos converter. Que Ela venha “escancare porta e janelas para purificar o interior cheio de mofa”

PARA REFLETIR

- Como ecoa em você o vocábulo “sororidade”?
- Os dois sentidos de “sinodalidade” como provocam o carisma ad gentes?
- “A hora da mulher segredar, comunicar às Igrejas sua experiência única, intransferível”, esta afirmação presente no artigo como e em que provoca o caminho sinodal?

NOTAS

(1) Na conversa mantive a inicial do nome das pessoas envolvidas para distinguir as intervenções, na sua maioria homens, a única mulher corresponde à letra L.

(2) Pessoalmente considero sinodalidade/circularidade equivalentes.

(3) Conspiração: em geral os dicionários apresentam este verbete de forma negativa, pois são elaborados a partir do poder; Papa Francisco apresenta e nos abre a uma nova visão: respirar juntos, união de intentos, de metas, sonhos, utopias ...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHARD, Yves-Marie. Sínodo y sinodalidad en el Nuevo Testamento. *Revista Spiritus*, Edición hispano-americana, Quito, Ecuador, Año 62/4 - N° 245, diciembre 2021

CATELAN, Antonio Ferreira. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago.2018.

PORCILE SANTISO, Maria Teresa. *Com occhi di donna*. Bologna: EDB, 1999.

FRIGERIO, Tea. Despir o manto ... Vestir o avental, Ensaio de eclesiologia da mulher no Evangelho de João. *Revista Estudos Bíblicos*, Editora Vozes, n. 68, Petrópolis 2000

_____. A sinodalidade incluirá a sororidade? 2021. Disponível em <<https://www.missiologia.org.br/a-sinodalidade-incluire-a-sororidade/>>. Acesso: 20/04/2022.